

Afetividade, reconhecimento e o trabalho dos professores

Affectivité, reconnaissance et le travail des enseignants

Ana Cristina Lass Stankiewicz^(a); Genoveva Ribas Claro^(b); Sidney Reinaldo da Silva^(c)

Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1996) com especialidade em Psicopedagogia (2006), professora colaboradora da Faculdade Internacional de Curitiba e da Faculdade Paranaense FAPAR, Psicóloga prestando serviço como avaliadora na Ponto de Luz avaliação psicológica, em avaliação admissional e bariátrica. Psicóloga avaliadora credenciada pela Polícia Federal e Perita do juiz do TRT. Tem experiência na área de Educação, saúde empresarial, terapias comportamentais e administração escolar.

^(b)Possui Mestrado em Educação na Universidade Tuiuti do Paraná, professora titular da Faculdade Paranaense - FAPAR, professora da Educação a Distância na Faculdade Internacional de Curitiba - FACINTER, professora de pósgraduação em Psicopedagogia. Sócio-Gerente da Ponto de Luz Clínica Psicológica Ltda com experiência na área de Psicologia Clínica e em perícias sobre assédio moral na Justiça do Trabalho. Possui graduação em Bacharelado em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná (1993), graduação em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná (1995), especialização em Pós-Graduação em Nível de Especialização em Magistério Superior pela Universidade Tuiuti do Paraná (1994), especialização em Administração Estratégica em Recursos Humanos pela Universidade Tuiuti do Paraná (1997), especialização em Pós-Graduação em nível de Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Internacional de Curitiba (2003), aperfeiçoamento em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná (1995), aperfeiçoamento em Psicólogo Perito Examinador de Trânsito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2001) e aperfeiçoamento em Formação em Terapia Sexual pela Universidade Tuiuti do Paraná (1994).

^(c) Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1987), mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1994), doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Atualmente é professor adjunto do PPGED Mestrado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. Tem experiência na área de Filosofia e Educação, com ênfase em Ética e Política, atuando principalmente nos seguintes temas: política educacional, filosofia da educação, gestão da educação, ética e teoria da justiça.

RESUMO

Este artigo discute a afetividade no trabalho do professor, analisando como a relação professor-aluno está permeada por questões psicológicas e éticas. Atualmente, torna-se cada vez mais uma exigência pedagógica a capacidade de lidar com questões afetivas na escola, sobretudo perante a agressividade e

à falta de respeito mútuo que, como se tem fartamente divulgado, têm tomado conta da escola. Entende-se que é por meio do afeto e da confiança que se constrói uma aprendizagem baseada no respeito mútuo. Emoções e valores estão correlacionados com competências profissionais e disposições afetivas no mundo do trabalho. O estudo dessa correlação nos permite entender o significado do “mal estar” do professor, quando este afirma que lhe falta o “fundamental”: o sentido e o reconhecimento enquanto profissional. Trata-se, sobretudo, de uma questão de identidade profissional. Este estudo apresenta uma abordagem ético-política baseada na concepção filosófica de reconhecimento e uma discussão da identidade profissional do professor numa perspectiva psicológica. Trata-se de um estudo decorrente de pesquisa empírica realizada em escolas municipais de 1º a 4º série do município de Curitiba situado no Estado do Paraná - Brasil. Objetiva-se, sobretudo, analisar o que os professores falam de seu ambiente de trabalho e do sofrimento “mental” correlacionado a ele.

Palavras-chave: Professor. Escola. Afetividade. Reconhecimento

RESUMÉ

Cet article analyse, avec l'aide du concept de reconnaissance, le travail d'enseignant dans une perspective psychologique, mais aussi éthique. Aujourd'hui, il devient de plus en plus une exigence pédagogique la capacité de traiter le côté affectif des rapports humains dans l'école, surtout en regard de l'agressivité e de la manque de respect réciproque dans les établissements scolaires. Mais les émotions et les valeurs ont des corrélations avec des compétences professionnelles et relationnelles et des dispositions affectives dans le monde du travail. L'étude de ces corrélations permet de comprendre le sens de la souffrance des enseignants, surtout quand on parle d'un manque de fondement: la perdre du sens et du sentiment de reconnaissance au travail. Il s'agit surtout d'une question d'identité professionnelle. Cet étude présente une approche éthique et politique de la nécessité de reconnaissance avec une discussion de l'identité professionnelle du enseignant dans une perspective psychologique. Cette analyse fait part d'une recherche empirique et conceptuelle plus grande. La recherche se rapporte à des écoles publiques d'éducation «élémentaire». première à quatrième séries - de la cité de Curitiba - capital du Paraná l'un des États du Brésil. On analyse ce que les enseignants racontent sur les conditions de travail dans les écoles et comme ça menace leur bien-être psychosocial. Plus spécifiquement, Il s'agit de une analyse de ce qu'on dit par rapport à la gestion de l'école et des politiques publiques pour l'éducation au Brésil, surtout quand Il s'agit de mesures que aident les enseignants à surmonter ses difficultés cotidiennes, c'est à dire, à améliorer ses conditions de travail et ses rapports avec les élèves.

Mot-cles: Enseignant. École. Affectivité. Reconnaissance

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo está relacionado com a educação e a complexidade no trabalho docente, que exerce grande pressão, levando a uma série de comprometimentos biopsicossociais. Os fatores estressantes do mundo moderno têm maior incidência sob a profissão docente, deixando-os mais vulneráveis a doenças ocupacionais como a síndrome de burnout, resultando baixo nível de motivação, auto-estima e despersonalização da identidade do professor. Pretende discutir a adaptação dos professores diante das novas exigências do trabalho docente, e as consequências frente às dificuldades no contexto escolar, principalmente no relacionamento professor-aluno.

2. O COMPROMETIMENTO BIOPSISSOCIAL NA DOCÊNCIA

O homem moderno definindo-se pela sua profissão está encontrando dificuldade em dar sentido à vida se não for pelo trabalho. A esse respeito Dejours (2007), destaca que trabalhar é não apenas ter uma atividade, mas também é viver e isso implica viver a experiência da pressão, viver em comum, enfrentar a resistência do real, construir o sentido do trabalho, da situação e do sofrimento.

No entanto na sociedade do século XXI, as relações de trabalho estão submetidas à cultura do risco, definida por Beck (1998) como a “sociedade do risco”, ao falar da precariedade do trabalho na era da globalização em que quanto mais as relações laborais se desregularizam e se flexibilizam, mais rapidamente se transforma a sociedade laboral em um risco não calculável nem para o modo de vida de cada indivíduo, nem para o Estado e a esfera política, devido as imensas forças sociais e econômicas que moldam a realidade.

O homem moderno passa grande parte de seu tempo no trabalho, por isso seu relacionamento interpessoal fora de casa representa um grande valor afetivo. Quando essas relações não acontecem, há um sofrimento tanto físico como psíquico. O indivíduo passa a agir apenas de modo representativo,

prejudicando o trabalho em equipe, tão importante para a democracia. (SENNETT, 2000).

As conseqüências pessoais do trabalho, segundo Dejours (1992), afetam a saúde dos trabalhadores. O sofrimento mental resulta da organização do trabalho sob o modo de produção competitivo, designado por divisão e conteúdo da tarefa, relações de poder e responsabilidade. Para o autor, até indivíduos dotados de uma sólida estrutura psíquica podem ser vítimas de uma paralisia mental induzida pela organização do trabalho, despersonalizando-se o trabalho e, em consequência, sua vida pessoal, afetando suas necessidades, motivações e desejos que o tornam um ser único e individual.

Preocupações relativas à saúde do trabalhador surgiram no século XIX, na Saúde Pública e Medicina Preventiva Social, devido ao impacto do capitalismo e da Revolução Industrial. A problemática acerca do bem estar dos profissionais, principalmente daqueles que trabalham diretamente com pessoas, como professores, enfermeiros, assistentes sociais, pode levar este profissional à perda de auto-estima, desprezo por sua profissão, podendo levar ao absenteísmo e abandono da profissão. (DEJOURS, 1992)

É nesse contexto que emergem doenças profissionais físicas e psíquicas com conseqüências graves para a vida dos trabalhadores. Numa abordagem psicossomática existe uma inter-relação das dimensões biológica, psicológica e social que são inerentes a cada ser humano, sendo que cada uma dessas características humanas contém aspectos que diferenciam cada profisisonal em termos de funcionamento e modos de reação. (FRANÇA E RODRIGUES, 2002)

A dimensão biológica se refere as constitucionais herdadas e congênicas que inclui o metabolismo, as resistências e as vulnerabilidades dos órgãos do sistema. A dimensão psicológica corresponde aos aspectos afetivos, emocionais e intelectuais conscientes ou inconscientes e a dimensão social é relativa á incorporação e influências dos valores, das crenças e expectativas a cada grupo a qual a pessoa pertence. Essas dimensões ocorrem simultaneamente em todo o organismo, tanto na saúde como na doença,

conforme a definição da Organização Mundial de Saúde em que “saúde é o completo bem-estar biológico, psicológico e social e não apenas como ausência de doença”. (OMS apud FRANÇA E RODRIGUES, 2002, p.22)

Sob a perspectiva psicossomática pode-se perceber o quanto os trabalhadores são influenciados por agentes sociais, ambientais e organizacionais do trabalho. A legislação trabalhista de vários países reconhece que existe uma relação desses agentes, como produtores das doenças ocupacionais, no entanto a uma dificuldade de perceber esse adoecimento nas relações de trabalho, e isso fica evidente nas enfermidades que decorrem de adaptação, o comportamento dos indivíduos é influenciado socialmente, e estes são reforçados e punidos e se adquire sob as influências sociais. Este processo de adaptação é gerador de estresse.



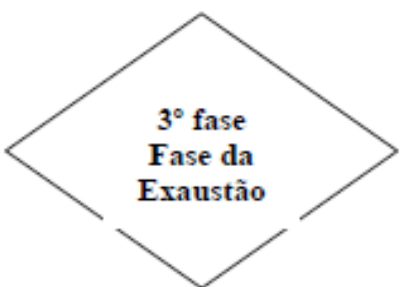
O termo estresse denominado por Hans Selye é o conjunto de reações que um organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige esforço de adaptação. Este estresse pode ser positivo ou negativo e dependem da intensidade e da duração. Os estímulos estressantes são característicos das transformações sociais, culturais, da política e do conhecimento. (FRANÇA E RODRIGUES, 2002, p 27).

A resposta ao estresse surge com o objetivo de mobilizar recursos que possibilitem às pessoas enfrentarem situações das mais variadas que são percebidas como difíceis e que exigem delas esforço. (FRANÇA E RODRIGUES, 2002). O estresse produz no organismo adrenalina que dá animo, vigor e energia fazendo a pessoa produzir mais e ser criativa. (LIPP, 2000) Na verdade, a todo instante se está fazendo movimentos de adaptação, ou seja, tentativas de se ajustar às mais diferentes exigências, seja do mundo interno, seja do ambiente externo, o problema está quando o estresse está associado a muitos aspectos negativos e situações indesejáveis, o excesso de estresse pode resultar em conseqüências muitos danosas. (FRANÇA E RODRIGUES, 2002).

O estresse denominado de “síndrome geral de adaptação” por Selye, por um conjunto de respostas inespecíficas que surgem no organismo diante de qualquer situação que exija esforço para adaptação, inclusive

psicossociais, consiste em três fases: Reação de Alarme, Fase de Resistência e Fase de Exaustão. (FRANÇA E RODRIGUES, 2002). Expostas resumidamente no quadro 1.

Quadro 1 – Fases da Síndrome Geral de Adaptação

FASE	CONCEITO	SINTOMAS
 <p>1º fase Reação de Alarme</p>	<p>É a fase positiva do estresse, quando o ser humano automaticamente se prepara para a ação. É caracterizada pela produção e ação da adrenalina que torna a pessoa mais atenta, mais forte e mais motivada</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da frequência cardíaca; - Aumento da frequência respiratória - Dilatação da pupila - Aumento de concentração de glóbulos vermelhos e brancos - Ansiedade
 <p>2º fase Fase da Resistência</p>	<p>Quando a fase de alerta é mantida por muito tempo ou se novos estressores vão se acumulando, o organismo entra em ação para impedir o desgaste total de energia, tentando reestabelecer o equilíbrio.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Queda de produtividade; - Ulcerações no aparelho digestivo; - Irritabilidade; - Insônia - Mudanças de humor - Diminuição do desejo sexual; - Vulnerabilidade a vírus e bactéria.
 <p>3º fase Fase da Exaustão</p>	<p>Quando a tensão excede o limite gerenciável, a resistência física e emocional começa a se quebrar. O cortisol produzido em maior quantidade começa a ter o efeito negativo destruindo as defesas imunológicas, levando a patologias.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Falha no mecanismo de adaptação; - Esgotamento por sobrecarga fisiológica; - Depressão; - Doenças como: pressão alta, úlceras, problemas cardíacos, problemas respiratórios psoríase e vitiligo; - Morte do organismo.

FONTE: Adaptado de LIPP, 2000

Na situação do trabalho a síndrome geral de adaptação acontece de forma negativa quando a pessoa percebe seu ambiente de trabalho como ameaçador as suas necessidades de realização pessoal e profissional, prejudicando a interação desta com o trabalho e com o ambiente, à medida

que esse ambiente contém demandas excessivas a ela, ou que ela não contém recursos adequados para enfrentar tais situações. (FRANÇA E RODRIGUES, 2002)

Nesse quadro, situa-se a Síndrome de Burnout, desenvolvida na década de 1970, por Maslach e Freudenberger como fruto de situações de trabalho, notadamente nos profissionais que têm como trabalho o contato com outras pessoas. O Burnout seria a resposta emocional a situações de estresse crônico em funções de relações intensas, nas relações de trabalhos frente às grandes expectativas em relação a seus desenvolvimentos profissionais e dedicação à profissão, no entanto, em função de diferentes obstáculos, não alcançaram o retorno esperado. (FRANÇA E RODRIGUES, 2002).

O Burnout faz com que os trabalhadores percam o sentido de suas relações com o trabalho, de forma que as coisas não apresentem mais significado e que qualquer esforço pareça ser inútil.

Entendida como um conceito multidimensional, essa síndrome envolve três componentes: exaustão emocional, onde os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos a nível afetivo; despersonalização, gerando cinismo, desafeto e esfriamento no trato com o outro; e falta de envolvimento pessoal no trabalho, com tendência a uma “evolução negativa” no trabalho, com perda da qualidade. (FRANÇA E RODRIGUES, 2002)

Para Codo (2006, p.239), a teoria de Burnout não surgiu por acaso, ela se “dispõe a compreender as contradições da área de prestação de serviços, exatamente quando a produção do setor primário descamba e o setor terciário vem tomar seu lugar”. A explosão do consumo, e as exigências pela produtividade trazem como conseqüências a falta de solidariedade e o aumento de responsabilidades. O trabalhador perde o valor pelo seu trabalho afetando diretamente a habilidade para a realização do trabalho.

O trabalho é a fonte de garantia de subsistência e de posição social, na sociedade do século XXI as transformações complexas do trabalho aparecem como fonte geradora de tensão e sobrecarga física e psíquica, sendo que tais transformações refletem nos profissionais da área de serviços

quando em contato direto com aquele que, por direito é proveniente do uso de seus serviços, principalmente profissões que exijam um envolvimento afetivo com seus clientes. O cuidar exige tensão emocional, atenção constante, grandes responsabilidades e muitas vezes exigem um esforço muito grande que lhe parece inútil. (CODO, 2006)

Os profissionais de educação e da saúde são apontados como os mais afetados em maior ou menor grau, prejudicando as relações profissionais e interpessoais, levando deterioração crescente da qualidade de vida nos diversos âmbitos do trabalho humano. Os profissionais sentem que não podem mais dar de si mesmo a nível afetivo, desenvolvem sentimentos e atitudes negativas, devido ao contato direto com os problemas diários. (CODO, 2006)

2.1. O PROFESSOR E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Os docentes estão permanentemente sujeitos a uma deterioração progressiva da sua saúde mental, isso acontece quando certos recursos pessoais são inadequados para atender às demandas ou, por falta de estratégias de enfrentamento que não propiciam os retornos esperados. (MARCHESI, 2008)

No trabalho docente, o professor tem uma nobre missão neste cenário, em que pode ser considerado uma das mais difíceis tarefas que um profissional pode ter: formar o trabalhador, produtivo ao capital e educar o ser humano emancipado. Esta contradição é a própria marca do processo educacional sob a hegemonia do capitalismo, pois a lógica funcional deste sistema, baseada na exploração do trabalho humano é por natureza incompatível e contraditória com um processo de emancipação plena. (LIMA FILHO e SANTOS, 2005)

Do educador é cobrada qualidade no ensino, melhor qualificação, atualização, produção científica, uso das tecnologias, entre outros, ocorrendo uma deteriorização das condições da formação e da prática profissional do professorado no Brasil. Nesse sentido, pode-se dizer que o que ocorre é uma

disparidade entre o ideal e o real e de acordo com pesquisas “ser professor é uma das profissões mais estressantes do século XXI” (LIPP, 2000, p.15).

As limitações políticas e institucionais interferem freqüentemente na atuação prática dos professores, seja no fato de não serem destinados recursos monetários suficientes, perdas salariais, aumento da jornada de trabalho ou na falta de consulta aos professores quando do momento de planejar as metas e direcionamentos da universidade, lembrando que deve considerar as características de personalidade que determinaram um enfrentamento mais afetivo ou mais racional do conflito.

Cabe ainda situar o objeto específico do trabalhador docente, o conhecimento, que assume características múltiplas e multifacetadas com os processos de comunicação, midiáticos, internet, entre outros. O ensino tradicional sofreu interferências dos processos tecnológicos, dando a possibilidade do aluno transpassar os limites do muro da escola, buscando sua aprendizagem em qualquer outro lugar no qual possa ter acesso às informações. Assim sendo, os novos meios digitais apresentam ao aluno novas formas de ler e escrever e, portanto altera sua forma de pensar e agir.

Porém, a escola é, e continua sendo o local de ensino-aprendizagem da maior importância, mas convivendo com outro locus e sujeitos de ensino-aprendizagem. Diante dessa nova situação, o papel do educador passa de “informador” para o de coordenador do processo de ensino-aprendizagem, incitando, comparando fontes, provocando reflexões, estimulando a criatividade. (ESTEVE, 1999)

No cenário atual, cabe ao educador incitar a busca e a experimentação, é dele o papel de interlocutor, deve para isto estar informado, atualizado, utilizar-se também das novas ferramentas de conhecimento.

... o papel tradicionalmente designado às instituições escolares, com respeito à transmissão de conhecimento, viu-se seriamente modificado pelo aparecimento de novos agentes de socialização (meios de comunicação e consumo cultural de massa etc.) que se converteram em fontes paralelas de transmissão de informação e cultura (ESTEVE, 1999).

O desafio do professor demanda do desenvolvimento de uma série de competências e habilidades em que resgate o prazer de aprender e ensinar. Dessa forma, a capacidade dos professores para ensinar depende das condições em que se ensina, com os apoios disponíveis, com o ambiente sócio-cultural das famílias e com a organização e o funcionamento da escola, fatores este que constituem como desencadeador do estresse.

O estresse torna-se então crônico, os professores ficam cada vez mais cansados, sem perspectivas de crescimento, irritam-se com facilidade e apresentam sintomas da Síndrome de Burnout, além disso, apresentam-se outras situações adversas, pois o professor, submetido às exigências atuais do mercado de trabalho, pode apresentar no corpo as marcas do sofrimento, sob a forma de doenças ocupacionais relacionadas à saúde mental, sendo que o psiquismo humano é afetado pelo sentimento de impotência e desvalorização. As pesquisas de Codo (1997) sugerem que o trabalho está diretamente ligado ao processo saúde-doença, pois, segundo o mesmo autor, "o sofrimento psíquico e a doença mental ocorrem quando e apenas quando, afeta esferas da nossa vida que são significativas, geradoras e transformadoras de significado".

O trabalho docente requer o estabelecimento de um vínculo afetivo com o aluno e com que ensina, o desgaste afetivo com a impossibilidade de concretizar o vínculo leva ao sentimento de exaustão emocional, em que, mesmo querendo, percebem que já não dar mais de si afetivamente, é uma .situação de total esgotamento da energia física e mental. (CODO, 2006, p.241)

O desgaste diário o qual o professor é submetido no relacionamento com seus alunos, pode levar a uma sensação de terror diante da idéia de entrar na sala de aula, evoluindo para uma síndrome do pânico¹. Isto não ocorre de repente, é um processo cumulativo.

¹ Síndrome de Pânico é caracterizado por ataques de pânico inesperados e recorrentes acerca dos quais o indivíduo se sente persistentemente preocupado, é representado por um período distinto no qual há indício súbito de intensa apreensão, temor ou terror, frequentemente associados com sentimentos de catástrofe eminente. Como em outros transtornos ansiosos, os sintomas essenciais comportam a ocorrência brutal de palpitação e dores torácicas, sensações

Percebe-se que a energia e entusiasmo no início da profissão motiva o trabalhador a preencher todas as suas necessidades, com as limitações do trabalho o trabalhador percebe que suas expectativas são irreais, as recompensas e reconhecimentos são escassos não atendendo suas necessidades e gerando desilusões, frustrações, começa a duvidar de si próprio, de suas competências e habilidades, perdendo sua autoconfiança. Desta forma o entusiasmo e energia inicial se transformam em fadiga crônica, se tornando irritado, cai sua produtividade, começa a culpar todos pelas suas dificuldades e começa a ter a sensação de desespero, sentindo-se vazio e torna-se depressivo. O pessimismo faz o trabalhador perder o sentido da vida, pensa em abandonar a profissão, sente exausto física e emocionalmente e se não tratar leva a aposentadoria por invalidez devido a um transtorno mental. (LIPP, 2000)

Para o pesquisador Codo, no Brasil, os professores trabalham em péssimas condições e com poucos recursos. Mas eles sabem a importância do seu trabalho e continuam fazendo de tudo para ensinar seus alunos. Em um quadro como este, onde um trabalho tão essencial é feito em condições tão ruins, o profissional acaba se desgastando emocionalmente e com isso traz baixo envolvimento com o trabalho, e começa a apresentar problemas de relacionamento com os alunos e o tratamento passa a ser racional. (DIESAT, 2005)

2.2. AS RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO DOCENTE E O ALUNO

A relação entre o trabalho do educador e a afetividade é um ponto importante e um dos mais desafiadores do ponto de vista psicológico, pelo fato de que se faz obrigatória a construção de uma relação de afetividade com o aluno, para que o trabalho possa ser realizado com qualidade. É através

de asfixia, tonturas e sentimentos de irrealidade (despersonalização ou desrealização). Existe, além disso, freqüentemente um medo secundário de morrer, de perder o autocontrole ou de “ficar louco”.(DSM-IV)

do afeto e da confiança que se dá o processo de aprendizagem, e ela deve ser buscada pelo educador. No entanto, uma das dificuldades que acometem os professores se dá justamente devido a isso: o ciclo afetivo professor-aluno-professor nunca se fecha totalmente, ou seja, o investimento de energia afetiva por parte do professor não retorna na sua totalidade, dissipando-se frente a diversos fatores mediadores da relação. Para Codo (1999), “através de um contato tácito, onde o professor se propõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender, uma corrente de elos de afetividade vai se formando, propiciando uma troca entre os dois”. Dentro desta mesma idéia, o professor precisa desenvolver uma profunda sensibilidade para com o aluno, antecipando suas dificuldades.

A competência emocional inclui o autocontrole, a compaixão, a capacidade de resolver conflitos, a sensibilidade para com os outros e a cooperação (...). O desenvolvimento afetivo do bem-estar e a sua felicidade, mas também favorece uma atitude positiva diante da aprendizagem e um comportamento sensível frente às necessidades dos outros. Daí a importância de que os professores sejam conscientes das suas possibilidades de intervenção nesse âmbito e tenham a competência e suficiente para intervir de forma satisfatória. (MARCHESI, 2008, p.71)

Pode-se questionar, então, o motivo de professores reflexivos, competentes e não conseguirem desenvolver bem profissionalmente. Uma hipótese é que às emoções e os valores dos professores que servem de união entre as suas competências profissionais e suas disposições afetivas e morais estão abaladas e o professor não tem mais satisfação pelo que faz. Falta o fundamental: o sentido e o significado daquilo que se faz, o reconhecimento do produto final do seu trabalho, mesmo que subjetivamente, fortalece a identidade do trabalhador.

O trabalho no ensino acontece essencialmente das relações interpessoais, e isto tem uma profunda carga emocional, e as mudanças dos tipos de relações sociais, a ampliação dos objetivos do ensino e as novas competências exigidas geram tensões emocionais. Por isso, por muito tempo considerava-se a emoção imprópria para os professores “um bom professor é aquele que tem sob o controle a esfera emocional” (MARCHESI, 2008, p.98).

Assim, em geral os professores evitam emoções na sala de aula para não atrapalhar o andamento do ensino.

As emoções não dependem somente da personalidade do professor, dependem também das relações sociais. É correto afirmar que cada professor interpreta as situações de acordo com suas experiências subjetivas associada a mudanças fisiológicas, além de sua percepção, no entanto a cultura estabelecida, com as normas formalizadas e aceitas moldam a cultura escolar e a atividade profissional (MARCHESI, 2008). A cultura escolar das séries iniciais do ensino fundamental é mais familiar e os professores precisam ter mais cuidado e preocupação com os atos de seus alunos.

Dessa forma, pode-se dizer que as emoções mais evidenciadas pelos professores estão nas relações professor e aluno, no entanto está muito relacionada com as metas ou com projetos pessoais. Os professores que não conseguem seus propósitos sentem ansiedade, raiva, culpa e outras emoções negativas (HARGREAVES apud MARCHESI, 2008, p.105).

A emoção inclui a percepção de uma situação em função dos objetivos pessoais e a disposição para determinadas ações. As emoções são, também, sinais de alerta que devem ser atendidos, e orientações diante de determinadas situações que devem ser avaliadas. (MARCHESI, 2008, P.106)

De acordo com a pesquisa realizada nas escolas municipais de 1º a 4º série do município de Curitiba situado no Estado do Paraná - Brasil, identificou dos 220 professores que participaram que 48% apresentam sintomas de estresse na fase de resistência e 11% estão na fase de quase exaustão e 4% estão na fase mais crítica que é a exaustão. As maiores queixas dos professores estão na falta de envolvimento e comprometimento dos familiares e alunos em relação à educação, além de ruído excessivo, salários defasados e cobranças além de suas possibilidades.

Como o professor avalia e enfrenta os problemas é que determina suas reações diante das situações. A avaliação é o processo que indica se o fator estressante é um desafio ou uma ameaça, neste processo, há uma atividade mental que, em parte, é racional e, em parte emocional, em que se faz um reconhecimento, uma estimativa da situação, com base em suas experiências

e de como irá enfrentá-lo. Já o enfrentamento “é o conjunto de esforços que uma pessoa desenvolve para manejar ou lidar com as solicitações externas ou internas, que são avaliadas por ela como excessivas ou acima de suas possibilidades” (FRANÇA e RODRIGUES, 2002, p.48).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa pode ser considerada como atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade, o que se percebe no século XXI na educação brasileira, em questão do ensino público, é extremamente carente de recursos, mesmo daqueles que são mais básicos e necessários. Entre as limitações que atuam diretamente sobre a prática docente se tem a falta generalizada de recursos e a dificuldade para adquiri-los. Esses recursos se referem ao material didático, à aquisição de novos recursos, problemas de conservação de edifícios, escassez de móveis, falta de aquecimento (ou ar condicionado), insuficiência de locais adequados, falta de renovação tecnológica, entre outros. Vale ressaltar as dificuldades que existem em diferentes áreas do ensino, principalmente no Ensino fundamental, em que apresentam as maiores queixas e constituem fonte de estresse como: turmas muito grandes, espaço inadequado, ruído excessivo, além da hostilidade dos alunos e de professores.

REFERÊNCIAS

APEOESP. Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. *Saúde do professor*. Disponível em <http://www.apeoesp.org.br/especiais/saude_professor.htm> Acesso em 03 de novembro de 2008.

BECK, Ulrich *La sociedade Del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Piados, 1998.

CODO, W. (Org.). *Por uma psicologia do trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DEJOURS, C. A, ABDOUCHELI, E., JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho, contribuições da Escolas Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo.: Atlas, 2007.

DIESAT . Departamento Internacional de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho. *A saúde do professor vai mal*. Informativo out de 2005.

_____. *A Loucura do Trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho*. 5ª edição São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

FRANÇA A.N.L. e RODRIGUES A. L. *Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática*. São Paulo: Atlas, 2002.

ESTEVE, J.. M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC , 1999.

LIMA FILHO, D. L. e SANTOS, F. L. N. *Mudanças no trabalho e o adoecer psíquico na educação*. Disponível em www1.universia.com.br/materia/img/ilustra/2005/nov/artigos> Acesso em 3 de nov. de 2008.

LIPP, M. (org.) *O stress do professor*. Campinas: Papyrus, 2000.

MARCHESI, A. *O bem estar dos professores: competência, emoções e valores*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.